

## ASSUNTOS DE CULTURA PROFISSIONAL

"Para a guerra não pôde existir doutrina imutavel. Todo raciocinio baseado em principios, só conduz ao erro. Na guerra não existem leis. Há, unicamente, circunstâncias e acontecimentos. O chefe dominará sempre essas circunstâncias e esses acontecimentos se, a uma intelligência viva, juntar uma vontade inflexivel e um método impecável."

**Cel. Perrier de la Bâthie**

====

"E', realmente, próprio dos talentos e dos gênios de segunda ordem, possuir fórmulas esquemáticas, muitas vezes felizes, mas às quais jamais podem fugir. E' privilegio dos grandes gênios, um Miguel Angelo ou um Rafael, um Molière, um Vitor Hugo, um Shakespeare, um Goethe, tanto quanto Alexandre, Cesar ou Napoleão revelar sua capacidade sob os aspétos mais variados."

**(Gen. Gamelin)**

====

"Hoje o chefe não pôde mais tudo resumir em sua pessoa. O próprio gênio terá necessidade de auxiliares cheios de iniciativa e bem preparados."

**(Von Der Goltz)**

====

"Produzir muito, exteriorizar-se pouco, mais ser do que parecer — eis o verdadeiro lema do official de Estado-Maior".

**(Marechal Von Schlieffen)**

---

# A Reestruturação do Exército

*Cel. HUMBERTO MARTINS DE MELO*

*(Continuação)*

O problema mais sério a ser enfrentado, é o das doenças sociais, principalmente da sífilis e doenças venéreas e o da tuberculose, esta inteiramente ligada ao problema alimentar e, portanto, ao problema econômico.

De todas as doenças venéreas a mais difundida é, sem dúvida, a gonorréia; a sua frequência é maior do que todas as outras do mesmo grupo, sendo 3 a 7 vezes a da sífilis, segundo Rosenau, citado por Barros Barreto. Embora o problema do tratamento tenha sofrido uma completa revolução pelas sulfamidas e seus derivados e a penicilina, contudo continua a constituir um sério problema social pelas graves consequências que acarreta para o indivíduo como para o país, pela diminuição da natalidade, dada a preferência pelos órgãos procriadores, em ambos os sexos.

A sua conta podem ser atribuídos 10 % das infecções puerperais, bem como a maioria dos casos de cegueira dos recém-nascidos, que é avaliada em Tóquio em 37 %.

No Brasil, principalmente na região nordestina, a sua incidência é tremenda, como foi dado verificar pelo movimento estatístico da tropa sediada nessa região, que acusou uma incidência de quasi 300 casos mensais.

A sífilis constitue um dos mais graves e complexos problemas de saúde, em todo o mundo. Atinge todas as classes, embora com prevalência cada vez maior, a medida que se desce na escala social, por haver nas mesmas mais frequência na exposição ao contágio.

As nações mais cultas e melhor organizadas mantêm custosos serviços para o combate à doença, embora nenhuma tenha conseguido reduzir o seu percentual a 0. Os países que apresentam os mais baixos percentuais são os países escandinavos, principalmente a Dinamarca, onde "as notificações por 1.000 baixaram, de 4,7 em 1930, a 1,2 em 1938". A Inglaterra acusa uma baixa de 45 % de novas infecções, de 1931 a 1939. De 1940-42, nos EE. UU., nos dois primeiros milhões convocados para o Exército, de 21 a 35 anos, as reações sorológicas acusaram uma incidência de 4,5 %. Na Alemanha, em que a redução era grande, a partir de 1927 os sensos de 1934 e 40 acusaram uma nova elevação. (Barros Barreto).

O Brasil apresenta um dos mais altos percentuais entre as nações civilizadas; em 1915, Silva Araujo calculava o mesmo em 20 % da população. Ultimamente, com os inqueritos, em massa, levados a efeito na população militar por Pires do Amorim, na Armada, Humberto Mello, na 7.<sup>a</sup> R.M., nas Polícias estaduais do Espírito Santo e Alagoas, Emanuel Pedrosa na 1.<sup>a</sup> Divisão da Infantaria Expedicionária, e Saulo de Mello no Depósito de Reacompletamento da F.E.B., que encontraram respectivamente 33 %, 22 a 23 %, 32 %, 15 % e 18 %, ficou evidenciada que a cifra calculada pelo ilustre especialista, em 1915, era realmente um cálculo exato.

"Na população civil, Campos Mello compendia também dados impressionantes: 20 % de reações sorológicas positivas em gestantes matriculadas nos serviços pré-natais, 25 % entre escolares (Oscar Clark), 80 % — 90 % entre prostitutas. Lincoln de Freitas e Campos Mello apontam, para as capitais brasileiras, no triênio 1937-39, um coeficiente de mortalidade pela sífilis de 34,25 por 100.000, variando de 58,01 (Salvador) a 6,51 (Teresina); o coeficiente de mortalidade, por sífilis atribuível, chega porém, a 278,13 por 100.000. No seu entender, 1/10 a 1/4 dos óbitos, nas capitais brasileiras são devidos, originariamente, à sífilis". (B.B.).

Em um dos Estados do norte, em cerca de mil e poucos indivíduos, o índice de positividade do Kahn foi de 41 %.

A sífilis que já produziu verdadeiras devastações nas populações da Europa, embora não apresente hoje a mesma virulência, continua a fazer vítimas em elevada percentagem, exercendo a sua influência nociva não só sobre o indivíduo, como também sobre a sociedade, gravando-a com pesado onus.

E' ela a maior responsável pelas doenças cárdio-vasculares, hemorragias cerebrais, ataxias locomotoras, a paralisia geral; diminue de muito a vida do indivíduo e reduz-lhe a

capacidade funcional, quando não o transforma num enfermo permanente. É ainda responsável por uma grande parte de mortalidade, e mortalidade infantil, ceifando de 40-50 % das crianças sifilíticas, no primeiro ano de vida, cifra que alcança até 75 %. Sobre os sobreviventes, não raro, deixa estigmas sérios, dos quais cerca de 15 a 20% são debeis mentais. (Barros Barreto).

Bastam êsses dados, tirados, em sua maior parte, do tratado de higiene de quem, até pouco, respondia pela direção do D. N. S., para mostrar a gravidade do problema do nosso país e de quanto havemos de trabalhar para conseguir extirpar essa lepra que tanto nos diminue aos olhos do mundo civilizado. Necessário se torna uma conjugação de esforços de todos os setores da administração pública, entre os quais é preciso destacar o papel de máxima importância que toca ao Exército, para que, em breve, possamos nos ombrear com as demais nações cujo maior predicado de civilização é representado pela preocupação que cada uma tem com a saúde e a educação de seu povo.

*Tuberculose* — Com Barros Barreto, podemos dizer que a tuberculose constitui para o Brasil como para a maioria dos outros países, o problema magno da medicina sanitária. Se bem que, em muitos dêles, o problema tenha alcançado resultados satisfatórios, com a adoção de medidas adequadas, como aconteceu na Itália de Mussolini com a adoção do seguro social contra a tuberculose, a qual, praticamente aderiu toda a nação, contudo, êsse resultado está sempre suscetível de ser modificado por causas várias, como a guerra, o fator econômico, etc., trazendo uma consequência a subnutrição, a promiscuidade, "a mobilização dos focos e dos indivíduos receptíveis", exigindo assim uma constante e atenta vigilância.

A Inglaterra cujo coeficiente de mortalidade estava bastante diminuído, sendo em Londres de 750 por 100.000, em 1750, e de 90, em 1925, teve um aumento de 6 % no primeiro ano da guerra atual e de 10 %, no segundo.

Do mesmo modo a Alemanha, e os Estados Unidos, baseados na experiência da primeira guerra, prevêem um acréscimo da mortalidade, pelas condições especiais criadas pelo esforço de guerra.

Os EE. UU., 35 anos, de 1900-35 conseguiram baixar o coeficiente de mortalidade de 200 por 100.000 para 55 (Barros Barreto).

É ainda esse sanitarista quem nos mostra que a tuberculose, no quinquênio 1937-41, ocupava o primeiro lugar no obituário de 6 capitais brasileiras, o segundo em 10 outras, o terceiro em 3 mais.

Os modernos processos de pesquisas, pela tuberculino-reação ou pelas provas fluorográficas, pelo método da roentgenabreugrafia, de baixo custo, permitem uma acurada investigação epidemiológica em grandes grupos da população e até mesmo em populações inteiras, facilitando destarte o "descobrimento precoce da infecção bacilar", e das fontes de contágio.

Em artigo da imprensa leiga, Orlando M. Fontes resalta os dados encontrados por Alvimar de Carvalho e C. M. Valente, do Serviço Nacional de Tuberculose, em diversos núcleos da população do Rio de Janeiro, no biênio 42-43.

No Instituto Nacional de Surdos-Mudos, em 49 crianças, em idade escolar, o índice de positividade foi de 75,51%; em 51 adolescentes, 78%; em 57 jovens, 94,59%. Em 2.162 estudantes da Universidade do Brasil, o índice de positividade alcançou 80%, com um caso de tuberculose evolutiva, 9 de tuberculose pulmonar ativa e 23 casos suspeitos.

Em 248 exames de guardas sanitários, 245 foram tuberculino-positivos. Em 178 enfermeiras-alunas mais de 90% mostraram índices de positividade. "Do recenseamento executado em estabelecimento escolar, cujo material humano derivava de meio social pobre, lograram ter os seguintes resultados: 51,42% das crianças em idade pré-escolar eram tuberculino-positivas; entre 7 e 12 anos de idade, a cifra ele-

vou-se a 64% entre os adolescentes já o quociente remontava a 85%. Entre as empregadas domésticas do mesmo estabelecimento a positividade foi de 62 e as alunas enfermeiras todas se mostraram tuberculino-positivos".

Os mesmos pesquisadores, em recente trabalho sobre os dançings da Capital Federal encontraram o seguinte resultado: em 500 dançarinas, 483 foram tuberculino-positivos, ou sejam 96,6% e revelaram ao exame roentgnológico pulmonar 2 casos evolutivos (0,4%); 15 casos suspeitos (3,1%); 11 casos residuais (2,3%); 1 caso de outra doença e 454 normais.

Gavião Gonzaga, citando estatística do Serviço de Biometria Médica do D.A.S.P., mostra que em 22.751 candidatos a concursos e a provas de habilitação foram inabilitados 514, dos quais 127 por "tuberculose ativa do aparelho respiratório", ou sejam 25% e que 57% "das aposentadorias de funcionários foram concedidas por tuberculose em atividade e já em estado de provável incurabilidade".

Em inquérito epidemiológico, realizado na tropa da Capital, o índice de positividade foi de 92%.

Manuel de Abreu, autor do método radiológico que traz o seu nome, em recente entrevista, calcula o número de óbitos por tuberculose, por ano, de 80 a 100.000, com uma prevalência anual de 350 a 400.000 casos.

Segundo o mesmo cientista, o índice de infecção no Rio de Janeiro entre 0 e 6 anos, passou de 33 para 66%, e a mortalidade de 290 para 361 por 100.000 habitantes, com cerca de 6.500 óbitos anuais.

Verifica-se assim que o Brasil se acha em plena "fase epidêmica", exigindo de todos uma estreita cooperação, para que se possa acelerar a sua "fase de estabilização" e atingir no mais curto espaço de tempo a fase final do declínio.

E' um problema complexo que exige para a sua solução uma orientação segura que envolva medidas de caráter

médico e sobretudo social, compreendendo a descoberta do doente, a assistência clínica gratuita em dispensários ou sanatórios e o amparo à família do tuberculoso pela outorga do salário integral, independente do tempo do serviço.

Infelizmente, está longe o Brasil de poder executar êsse programa. Se, em relação a parte social, já temos a lei que atribue ao funcionário estatal aposentadoria com os vencimentos integrais, em compensação, na parte relativa a assistência médica, a situação é de verdadeira penúria, como nos deixam ver as próprias palavras do ex-diretor do D. N. S. : "Dentro do critério da exigência mínima de um leito por óbito (Armstrong), na média dos últimos 5 anos, dispunham as capitais brasileiras, em meados de 1939, 28 %, e, em fins de 1942, menos de 32 % do total de camas necessárias".

Já praticamos a roentgenfotografia para os candidatos a empregos públicos, para o ingresso nas forças armadas, etc., mas não só essa pesquisa não está bastante generalizada, como seria de desejar, como também não é feita com a frequência e sistematização requeridas. No próprio Exército, êsse serviço apresenta falhas bem sensíveis.

Mesmo que o país pudesse realizar integralmente a triologia acima enumerada, não conseguiria resolver integralmente o problema, porque depararia com dois fatores de suma importância para a solução de tão importante questão — o fator alimentar e a falta de educação das massas.

Sem uma boa alimentação, não será possível ao organismo que se contamina oferecer qualquer resistência à marcha da doença; sem educação, jamais se conseguirá uma eficiente colaboração do doente e da família aos preceitos de higiene. Sem educar as massas, para que possam as mesmas adquirir um padrão de vida, compatível com as necessidades biológicas do homem, e torná-las capazes de cooperar conscientemente para a execução dos imperativos sociais, tudo será esforço vão, pois nada será capaz de destruir a resistência, a inércia, impostas pela incompreensão.

## CAPÍTULO V

## COMO EXECUTAR A LEI

As recentes e prodigiózas descobertas da ciência, encurtando as distâncias, aumentando a eficácia dos engenhos de destruição e de defesa, trouxeram profundas alterações na concepção dos métodos de guerra.

Hoje o Exército não combate mais como elemento autônomo, constituído apenas por uma pequena parcela da nação; a sua entrosagem envolve a nação inteira; para cada soldado de vanguarda deve corresponder uma côrte de auxiliares, compreendendo desde o cientista que, nos laboratórios, trabalha para o aperfeiçoamento das armas de ataque e dos meios de defesa, até o mais modesto operário, encarregado das mais rudimentares funções. Todos devem trabalhar em perfeito sincronismo para a obtenção de um resultado satisfatório; qualquer falha nêsse gigantesco mecanismo, poderá acarretar sérios prejuízos. Tudo tem que ser previsto, coordenado, afim de que a nação, em massa, possa agir como um todo e adquirir a plasticidade necessária para atender a todas as fases de luta, acudir a todas as surpresas, em todos os setores da refrega. Daí dizer-se que a organização de um exército moderno é "a menos simples das tarefas humanas".

Se no período de guerra, o exército representa a própria nação em armas, em tempo de paz, a sua função não é menos importante, porque terá de servir de elemento de proteção, em caso de agressão inesperada, dando tempo a que se processem as diferentes fases da mobilização, e deverá servir de núcleo para o preparo e instrução de todos os cidadãos para a hora do sacrifício.

Isto nos deixa ver que o exército é atualmente uma parte integrante do organismo social de um país, com participação ativa em todos os seus movimentos sociais, cabendo-

lhe implicitamente a obrigatoriedade de concorrer com os seus elementos e a sua influência para apressar a evolução nacional. Pensar de maneira diferente será um retrocesso aos tempos em que o exército constituía um verdadeiro quisto no organismo nacional. A sua ação dever-se-á processar de uma maneira ativa, direta, por uma intervenção ponderada na solução dos conflitos sociais do país, ou fazer-se de uma maneira indireta, pela cessão de suas prerrogativas para facilitar a outros departamentos administrativos a consecussão de seus objetivos.

Nos Estados Unidos, a mais poderosa e uma das mais pacíficas e cultas nações do mundo, o presidente Truman acaba de enviar ao Congresso uma mensagem solicitando a adoção do "adestramento militar universal", na qual acerta-tua que o seu país não poderá contar "com o luxo do fato tempo", em caso de agressão.

Esse plano foi concebido para poupar à nação um grande onus com a manutenção de um poderoso exército e facilitar aos cidadãos a sua preparação militar, sem os pesados sacrifícios da prestação do serviço militar. Como o plano não implica em incorporação às forças armadas, não haverá isenção, a não ser por incapacidade absoluta, devendo todo cidadão receber a instrução necessária, afim de que possa ser aproveitado em qualquer setor, mesmo civil. Ressalta ainda o presidente a vantagem do método ser "usado para elevar o nível físico do homem, reduzir a percentagem do analfabetismo e desenvolver os ideais da cidadania norte-americana".

E' admiravel que o presidente de tão culta nação pense em aproveitar uma lei, que diz respeito à organização militar, para diminuir a taxa de analfabetos, que não excede de 4 % em uma população de 130.000.000, quando em outros países de diminuto índice de alfabetização, quasi incompatível com o estado de cultura do mundo atual, êsse assunto é encarado nos meios militares com desdem ou talvez com hostilidade.

Fossem as nossas condições ambientais semelhantes às dos Estados Unidos, não possuíssimos o grande vazio demográfico do nosso "hinterland", fossem melhores os nossos meios de comunicação e de transporte, nada mais nos restaria do que adotar integralmente a solução americana.

Infelizmente, as nossas condições ambientais, o nosso grau de cultura, o nosso passado diferem inteiramente dos do americano, obrigando-nos, assim, a adotar uma solução própria para o problema, na qual devemos procurar adaptar uma organização capaz de se tornar em elemento propulsor do progresso cultural e econômico das massas.

---

Passa o mundo pela mais profunda crise dos tempos modernos, só comparável "à dissolução do mundo medieval ou ao esboroamento do império romano". "Entramos francamente em um mundo de "civilização em mudança".

Todas as conquistas espirituais e morais da civilização do século XIX que chegaram a dar a ilusão de perenidade, numa constante mutação para um aprimoramento sempre maior, capaz de conduzir o homem a uma vida feliz, sob o império da razão e da bondade, ruíram estrondosamente sob o fragor da luta de 1914.

Nos limites geográficos de cada nação, sob a influência do fator econômico, acirram-se os ódios de classes, cada vez mais exigentes, a medida que aumentam os fenômenos da "chômage", da opressão dos magnatas das grandes indústrias, dos trusts e carteis, semeando a miséria e a fome, como se uma onda de materialismo insatisfeito se abatesse sobre a humanidade, fazendo sossobrar todas as conquistas da civilização, criadas sob o domínio da razão e da moral.

Rôto o equilíbrio entre a matéria e o espírito, fendem-se os alicérges em que repousava todo o edifício da estrutura social do nosso tempo, abalando a sociedade na constituição da família, dos grupos e das nações, conduzindo o homem ao mais perigoso egoísmo, pelo qual se despovoam os

lares, se estabelece o predomínio das classes, se funda o direito da força nas relações entre as nações (L.F.).

Por força dêsse mesmo materialismo, testemunham as gerações presentes de sucessivos e tremendos acontecimentos históricos que não foram dados presenciar a dezenas de gerações presentes de sucessivos e tremendos acontecimentos históricos que não foram dados presenciar a dezenas de gerações passadas, e que vivem uma dolorosa e cruciante incerteza sobre os destinos da humanidade.

Esta advertência nos deve fazer meditar sobre os nossos próprios destinos; não se trata tão somente de preparar o Brasil de amanhã para que os nossos filhos ou nossos netos possam desfrutar uma vida tranquila e feliz dentro da "pompa da natureza tropical". Temos que construir o Brasil do presente, para nós mesmos, e destarte passá-lo engrandecido às mãos das futuras gerações, necessário se tornando que saibamos trabalhar no sentido exato do nosso determinismo histórico, com animo forte, espírito desprendido e segura determinação.

\* No pálido bosquejo que tentamos sobre a nossa evolução histórica e social, sobre os problemas de comunicação, do ensino e saúde, aos quais seria preciso acrescentar o econômico, encontraremos a chave das falhas que precisamos corrigir e o sentido pelo qual nos devemos orientar, para a construção da nossa estabilidade atual e da nossa grandeza futura.

Se balancearmos os fatos aí enumerados e procurarmos tirar dos mesmos os ensinamentos que encerram, é bem possível que sejamos assaltados por uma onda de desânimo, tal a complexidade do problema e as dificuldades que se nos deparam. Comparando, ponderando, e deduzindo, qual um médico à cabeceira do enfermo chegaremos à conclusão de que o País possui uma tempera rija um cerne forte, mas que se acha presentemente anemiado, debilitado por um mal crônico que, de há muito, lhe vem haurindo as energias, pre-

judicando a vitalidade do organismo. E esse mal é — a ignorância.

Esta asserção que a muitos poderá parecer simplista é, na verdade, a chave de todos os nossos grandes problemas; sem uma massa educada, quer labute nas indústrias ou no campo, não poderá haver progresso. O alto nível alcançado pela técnica moderna não permite mais o trabalho de rotina, com instrumentos primitivos, porque isso será marchar para a derrota certa. No terreno social, não haverá lei de amparo ao trabalhador, capaz de trazer o almejado equilíbrio entre as classes operárias e patronais, como exemplificam as nossas leis trabalhistas, excelêntes na sua esência, deficitária na prática, porque a elas se opoz a ignorância da massa proletária que hipertrofiou a noção de seus direitos e aboliu a de seus deveres. Nem mesmo a saúde pode ter o ignorante, porque êle se encarregará de destruir em horas o trabalho de muitos, durante muito tempo.

A falta de instrução e de educação cria no homem a desambição, entorpece o estímulo da necessidade de uma vida melhor, gera a inveja e o ódio, por atribuir à sociedade os erros e os vícios que estão em si mesmo, preparando o terreno para a eclosão de sentimentos contrários à ordem e a moral.

A sua solução não nos parecerá fácil desde que meditamos sôbre os diferentes fatores que apontamos páginas atrás e que conhecemos um pouco a situação do país, na sua fase atual, com os seus imensos vazios demográficos, o insulamento de pequenos núcleos de população e mesmo de famílias, o grau de higidez e de ignorância desses núcleos ou dessas famílias e o baixíssimo nível econômico de quasi toda a população dos nossos sertões.

No sistema atual, será um problema de muitas décadas ou talvez de séculos, porque entrozado com os demais fatores: econômico, transporte, saúde.

A vertiginosa sucessão dos acontecimentos históricos do mundo atual veio pôr em relêvo a necessidade das nações,

ainda em formação, apressarem a culturação de suas massas trabalhadoras, afim de que elas possam se integrar, sem atritos, dentro do quadro social da nação, colocando assim em primeiro plano — a educação do adulto.

A educação do adulto é de fato o maior dos problemas que nos é dado enfrentar no presente momento; de sua solução depende a resolução de numerosos outros que nos levarão a esperar tranquilos um futuro feliz.

Resolvê-la, porém, nos moldes atuais, por ações dispersas e fragmentares será ultrapassar o tempo útil de que dispomos, dando margem a que medrem doutrinas que virão abalar os alicérces do nosso sistema social, lançando-nos na voragem das lutas de classes. Precisamos encontrar um meio que nos permita aclarar o processo de educação das massas, principalmente da população rural, sôbre a qual repousa um dos mais sólidos esteios da nossa riqueza. Mercê de Deus, já temos êsse instrumento que nos facilitará realizar êsse desiderato em uma fração do tempo exigido para a sua consecução — *a lei do serviço militar ou lei da convocação das classes*. Da sua aplicação judiciosa, sem o exclusivismo de interesse funcional, poderemos obter os mais compensadores resultados, como tentaremos demonstrar.

---

Pelo decreto-lei n.º 7.343, de 26 de fevereiro de 1945, o Presidente da República extingue o sorteio militar e institue a convocação geral da classe de 21 anos.

Em seu artigo 7.º diz a lei que o Ministro da Guerra, mediante prévia autorização do Presidente da República, poderá resolver que a convocação a realizar-se abranja sómente determinados distritos de recrutamento."

Parágrafo único. Pelos mesmos motivos, poderá ainda dispensar da convocação os habitantes de distritos de recrutamento :

- de fraca densidade de população;
- de deficientes meios de comunicação;
- onde as atividades agro-pecuárias e a indústria extra-

tiva de interesse militar não devem sofrer alterações no seu ritmo de trabalho.

#### DA INCORPORAÇÃO

Parag. 2.<sup>o</sup> — Os “excedentes” que residem em lugar onde haja centro de formação de reservista de 2.<sup>a</sup> categoria são obrigados a frequentar êsse centro e a concluir o curso com aproveitamento, dentro do período fixado pelo Ministro da Guerra.

Não modificou a lei a idade para a prestação do serviço militar. Parece que o critério que presidiu a escolha da idade foi baseado no código civil que estabelece essa idade para a declaração de maioridade. Creio, entretanto, que êsse limite poderia ser vantajosamente encurtado para 18 ou 19 anos, não só sob o ponto de vista somato-psíquico do indivíduo, como também sob o prisma das atividades sociais.

Aos 18-19 anos, possui o adolescente uma mentalidade mais plástica, onde se imprimirão mais facilmente os ensinamentos que se lhe vão ministrar; fisicamente, os seus músculos são dotados de maior elasticidade, donde a possibilidade de um mais perfeito desenvolvimento físico. Socialmente, constitui a idade de transição entre o curso secundário e o superior, se aspirante às profissões liberais; se trabalhador, está ainda em fase de aprendizado ou de pouco rendimento, não acarretando o seu afastamento temporário grande perturbação a indústria ou ao trabalho do campo; por não ter ainda contráido matrimônio e não constituir, geralmente, arrimo de família a sua ausência não produzirá grande abalo na economia doméstica.

Em seu artigo 7.<sup>o</sup> autoriza a convocação apenas em “determinados distritos de recrutamento”. Embora sábia, sob o ponto de vista militar e das possibilidades atuais, não deixa de encerrar uma certa injustiça, sob o ponto de vista social, e não atende, tanto quanto era de esperar, a preparação para a guerra, por excluir do necessário treinamento e

preparo milhares de cidadãos, impossibilitados assim de prestarem o seu concurso para a defesa do país, pela impossibilidade de serem instruídos no manejo das armas.

Porque não se procurar uma solução que abranja, dentro do espírito democrático, igualmente a todos os cidadãos?

A assertiva de que o efetivo atribuído às nossas forças armadas não comportaria todos os elementos da classe só é verdadeira, quando considerada apenas sob o estreito ângulo dos efetivos de paz.

Mas, se ponderarmos que as guerras atuais não são mais de exércitos e sim de nações, esse argumento se esboroará como um castelo de cartas a uma lufada de vento.

Não se trata, portanto, de preparar tão somente o Exército, mas sim a nação em sua totalidade.

Como deixou bem claro em seu discurso o Snr. Ministro da Guerra, os nossos compromissos não se limitam a defesa apenas das nossas fronteiras que, felizmente, nada ameaça no momento, mas também à defesa do continente, o que constitui uma ansiosa interrogação e um grave compromisso.

Em caso de uma guerra mundial, cujo espectro ronda sinistramente a humanidade, não poderemos contar "com o luxo do fator tempo", como sensatamente disse o presidente Truman. Em caso de ataque extra-continental, seremos certamente atacados ao mesmo tempo que a poderosa nação do norte, dada a nossa situação geográfica, que tão poderosamente concorreu para apressar ou decidir o desfecho do tremendo conflito, permitindo a remessa de precisos recursos para o outro lado do Atlântico.

E não somente sob a pressão dos fatores bélicos devemos pensar em impulsionar, de maneira acelerada, a evolução das nossas massas, em última análise, o elemento dinâmico da nação, o verdadeiro construtor da sua grandesa material. Temos de recuperar o tempo perdido pela nossa longa e interminável infância, irmã gêmea da grande República do norte pela idade e dela distanciada, em séculos, pela cultura das massas e pelo desenvolvimento econômico.

Apressá-la, é para nós uma questão vital, em que o fator tempo possui excepcional importância. Para a sua consecução temos de contar com o patriotismo, clarividência e o espírito de colaboração dos nossos dirigentes, sobre os quais pesam todas as responsabilidades dos nossos destinos como nação, afim de que, num supremo esforço, possamos acelerar no tempo e no espaço o nível cultural das massas, para com elas cimentarmos a nossa prosperidade econômica na paz e criarmos ainda com elas a sensação de segurança na guerra.

Não nos devemos deter diante do sacrifício financeiro, porque a quantia dispendida será devolvida em três dobros, dentro de curtíssimo prazo, como muito bem o prova o Dr. Lourenço Filho, ao mostrar que o índice de produção varia, por capital, na razão de um para oitenta, entre regiões de grande e pouca cultura.

Faltava-nos o instrumento que permitisse o necessário aceleração em massa e esse nos é dado pela presente lei: é só saber aplicá-lo judiciosamente e, dentro em pouco, teremos transformado o nosso panorama cultural e econômico.

Determina a lei que todos os "excedentes" da incorporação são obrigados a cursar com aproveitamento os "centros de instrução militar" existentes ou a serem criados nas diversas localidades. Esses "centros", são constituídos pelas diferentes unidades do Exército, pelas unidades quadros ou por "Tiros de Guerra".

Estes últimos são em número de 215 para as diferentes cidades e municípios; o número de localidades em que existem unidades do Exército são, ao todo, 77. Temos assim 292 localidades com "centros de instrução militar". Ora, se considerarmos que os municípios são em número de 1.668, fácil é verificar quão diminuto é o número dos mesmos. Considerando ainda que cada "centro" só poderá exercer a sua influência sobre a população que mora dentro de um determinado raio da sua sede, que se pode calcular, com boa vontade, para as localidades onde não haja um sistema de

transporte organizado, em 6 quilômetros; levando em conta a área dos nossos municípios e a fraca densidade demográfica de sua absoluta maioria, como por exemplo (para citar apenas as mencionadas na lei); Bariri, em S. Paulo, cuja superfície é de 692 km<sup>2</sup>; população 25.322 habitantes; densidade (habt. por km<sup>2</sup>) 36,59. Manhumirim, em Minas; superfície, 646 km<sup>2</sup>; população 31.105 habitantes; densidade 48,15. Mamanguape, na Paraíba: superfície 2.031 km<sup>2</sup>; população 64.836 habitantes; densidade 31,92, é fácil verificar que somente uma diminuta parcela da população poderá receber a instrução militar, mesmo que sejam criados núcleos de instrução para as fábricas e as grandes organizações.

Se pensarmos um pouco mais detidamente sobre as condições das nossas populações sertanejas, o seu grau de cultura; se nos lembrarmos da história de Canudos, da sangrenta trajetória de Lampeão e de outros cangaceiros, mesmo que fosse possível a ministração, em larga escala da instrução militar, à população sertaneja no seu estado atual de cultura o nosso estado dalma seria antes de inquietação e sobressalto do que de tranquilidade e satisfação.

Assim penso que será de urgente necessidade uma mutação completa da lei, não só para que a classe inteira, seja dos 18 ou 19 anos, como proponho, ou a de 21 anos, como está determinado, possa receber em sua totalidade a instrução militar, numa ampla demonstração de um sadio espírito democrático, e possa a parte inculta e miserável das nossas populações rurais auferir benefícios que de outro modo lhe estarão vedados, por um ainda longo espaço de tempo.

P

Possue o Brasil uma população de 946.269 habitantes de 18 anos; 743.654 de 19 anos; 937.883 de 20 e 652.681 de 21 anos. Existindo quasi absoluta paridade entre os dois sexos, teremos 473.134, 371.827, 468.941 e 326.340 jovens do sexo masculino, para as classes já mencionadas.

Em 28.456.743 habitantes da zona rural podemos avaliar o contingente da classe de 18 anos em 231.881 indivi-

duos, distribuindo-se os restantes 151.253 para as zonas urbanas e suburbanas.

Estabelecida esta primeira separação, vejamos como poderia ser executada a lei.

Os 151.253 jovens da zona urbana satisfazem plenamente as necessidades do efetivo militar de paz; caso houvesse razão para um maior contingente, seria possível recorrer a uma elevada percentagem do grupo rural, de preferência alfabetizados e que não se dedicassem às atividades agro-pecuárias, às indústrias extrativas, das quais se ocupam 7.727.699 pessoas maiores de 18 anos.

Ao grupo urbano tocaria a tarefa do preenchimento dos claros nas casernas, de acôrdo com as leis vigêntes, ao inverso da prática atual em que os maiores contingentes são fornecidos pelas zonas rurais, estabelecendo-se então um sistema de instrução e educação dos excedentes, aproveitados para êsse mistér muitas ou quasi todas as disposições já estabelecidas em lei, restando apenas codificá-la em um sistema único, homogênio, de cuja fiscalização ficaria encarregada uma comissão mista civil-militar.

Para o grupo rural, deduzido o contingente em o qual se possa aplicar as disposições do primeiro grupo, isto é, incorporação às fileiras ou a instrução nos "centros de instrução militar", o que deverá abranger os indivíduos com o curso primário, que se pode avaliar em 150.000 jovens, criarse-iam escolas centros especiais, verdadeiras "colônias-escola", onde, a par de uma instrução militar adequada, se ministrariam os ensinamentos necessários à educação do adulto.

O efetivo dessas instituições poderia ser de cêrca de 2.500 alunos soldados. Essa estimativa, talvez um pouco exagerada, tem a seu favor a questão econômica e o fato de se tratar apenas dos adolescentes, e que permite uma composição mais densa das diferentes classes, a concentração de recursos pedagógicos e finalmente o caráter especial da sua finalidade.

Nesta base, o número das "colônias escolas" seria de 60 a 70 para todo o território nacional.

O regime a ser adotado nas mesmas será fundamentalmente o regime militar, sem a rigidez do da caserna, com as modificações aconselhadas pela técnica pedagógica. Além do ensino militar, do curso primário fundamental, seriam adotados processos da "escola nova" para adultos com tendência ao ensino profissional.

Além da parte educacional, deverão merecer especial cuidado o problema da seleção psicológica, e da saúde, com ministração prática e objetiva de uma instrução sanitária que habilite o instruendo a transmitir à família e a sua "entourage" as noções indispensáveis da prática de higiene.

Ao deixar a escola será o reservista assistido pelo Estado. Para isso, dar-lhe-á a terra e facilitará a aquisição dos instrumentos de trabalho, reunindo-os em aldeias com as respectivas famílias, amparando-os com os seus cuidados que, desde então se estenderão a todos os membros da família, continuando e desenvolvendo o processo educacional, iniciado na escola. A essas colônias seria incorporado um certo número de imigrantes selecionados, o que seria um elemento de estímulo e evitaria a formação de quistos raciais, iniciando-se assim a "marcha para o Oeste" de uma maneira lógica, paulatina, sem extermínio de tribus selvagens, cuja hora de integração à civilização ainda não souu.

Para a realização deste programa, que poderia ser integrado em 5 anos ou um pouco menos, seria constituído um fundo especial, federal e estadual, com o produto da taxa-ção sobre a produção industrial, acréscimo da taxa sobre bebidas, fumo, objetos de luxo e de adorno e um pequeno imposto sobre vendas e consignações estaduais. Com essas taxas poderiam ser arrecadados cerca de um bilhão de cruzeiros, suficientes para a instalação de cerca de meia centena de escolas, sem levar em conta os grandes donativos que seriam feitos pelos magnatas das indústria e do comércio, em retribuição às imensas fortunas que esse mesmo povo, ao qual se destinam as "colônias escolas", lhes ajudou a ganhar.

## BIBLIOGRAFIA

- Formação Histórica do Brasil — Pandiá Calogeras.  
 Casa Grande e Senzala — Gilberto Freire.  
 Nordeste — Gilberto Freire.  
 A Cultura Brasileira — Fernando de Azevedo.  
 Evolução do Povo Brasileiro — Oliveira Viana.  
 Síntese da História Econômica do Brasil — A. Melo Franco.  
 Ensaios de Antropologia Brasileira — Roquete Pinto.  
 Você e a Hereditariedade — Amram Scheinfeld.  
 Marcha para o Oeste — Cassiano Ricardo.  
 Hereditariedade e urgência — Otávio Domingues.  
 História Social do Brasil — Pedro Calmon.  
 Geografia das Comunicações Brasileiras — Mário Travassos.  
 Geografia do Brasil — Delgado de Carvalho.  
 Clima e Saúde.  
 Plano Rodoviário Nacional — D.F.E.R.  
 Páginas de História do Brasil — Serafim Leite.  
 Military Review ns. 2 e 3 de 5/45 e 6/45.  
 "O Globo" — 1 de Setembro de 1945  
 "O Jornal" — Altos índices de infecção tuberculosa — Orlando

## Fontes.

- A crise do Mundo Moderno — Leonel Franca.  
 Recenseamento de 500 dançarinas — Alvimar de Carvalho e Carlos  
 M. Valene — Rev. Paulista Fisiologica — 11.º V.  
 Tratado de Higiene — Barros Barreto.  
 A saúde de nossa gente — A Gavião Gonzaga — J. do Brasil.  
 O grande problema do combate á tuberculose — Manuel de Abreu  
 — J. do Brasil.  
 A Escola Nova — Lourenço Filho.  
 Brasil 1933-44 — Publicação do Ministério do Exterior.  
 O problema da educação de adultos — Lourenço Filho — Revista  
 Brasileira de Estudos Pedagógicos.  
 Boletim Estatístico n.º 9 e 10 — I.B.G.E.  
 Anuário Estatístico 1937.  
 O Brasil e suas Riquezas — Waldemiro Potsch.  
 Serviço Militar — Decreto-Lei n.º 7943, de 26 de Fevereiro de 1946.

---

Joseph de Maistre escreveu: "Uma batalha perdida é uma batalha que se julga estar perdida, porque, acrescenta, uma batalha não se perde materialmente." Então, é moralmente que ela se perde. Por conseguinte, é também moralmente que ela se ganha, e podemos completar o aforismo, dizendo: *Uma batalha ganha, é uma batalha na qual não queremos confessar-nos vencidos.*

Não são as tropas, mas os generais, que ganham, ou que perdem as batalhas. (Foch).